

Os anos radicais: o governo Jânio Quadros

Abertura

Na aula passada, fizemos uma pequena viagem pelo final da década de 1950, quando encontramos variadas manifestações da cultura brasileira, popular e erudita. Essa efervescência era, em grande parte, um produto da “euforia” desenvolvimentista. No entanto, o clima de otimismo foi quebrado pelos grandes desafios que a nova década nos trouxe.

Nesta aula, você vai ver de que forma as conjunturas política e econômica do início dos anos 60 foram marcadas pela **herança** – positiva e negativa – do período desenvolvimentista. Vamos acompanhar a eleição e o governo de Jânio Quadros, o presidente que obteve o maior número de votos que o Brasil jamais tinha dado a um candidato até então. Pois esse presidente tão votado renunciou ao cargo com menos de oito meses de governo.

A “vassoura” chega ao Planalto

Movimento

As eleições presidenciais de 3 de outubro de 1960 deram uma espetacular vitória a Jânio Quadros, ex-prefeito e ex-governador de São Paulo. Jânio foi candidato de uma ampla união de partidos. Veja só quantos se juntaram para elegê-lo: UDN, PTN, PDC, PR e PL. A esses partidos uniram-se as dissidências do PTB, PSD, PRP, PSP e PSB.

Campanha presidencial de Jânio Quadros.



Jânio obteve 48% (quase seis milhões) dos votos válidos, contra os 32% dados ao marechal Henrique Teixeira Lott. Como você viu na Aula 32, Lott era ministro da Guerra do governo Kubitschek e candidato oficial do governo pela aliança PSD-PTB. Outro ex-governador de São Paulo, Ademar de Barros, também candidato, obteve 20% dos votos.

A eleição de Jânio teve o comparecimento de 80% do eleitorado. Até então, nunca tantos eleitores haviam dado seu voto no Brasil.

Para a vice-presidência, foi novamente eleito João Goulart, candidato da coligação PSD-PTB e ex-vice presidente de Kubitschek.

Você deve estar perguntando: como podem ser eleitos um presidente de um partido e um vice-presidente de outro?

Uma boa pergunta, essa. Acontece que, pela legislação eleitoral da época, ao contrário da atual, o eleitor podia votar em candidatos à presidência e à vice-presidência de chapas diferentes, como se fossem duas eleições distintas.

Vimos que Jânio Quadros se elegeu como candidato de oposição a Juscelino Kubitschek. Mas como explicar uma vitória tão consagrada, se o governo Juscelino havia sido, aparentemente, tão bem-sucedido, cumprindo sua promessa de realizar “50 anos em 5”?

Pense um pouco...

Volte à aula anterior e tente expor sua opinião.

Pausa

Voltemos juntos à “herança” do governo JK. Só no final do governo foi possível sentir as principais consequências negativas do desenvolvimento econômico acelerado daquele período. Os grandes investimentos necessários à realização do Plano de Metas criaram um desequilíbrio entre as receitas obtidas (basicamente dos impostos) e as despesas efetuadas pelo Estado. Como não podia obter mais receitas, o governo tentou cobrir esse “rombo” com a emissão de papel-moeda.

O que significa isso? Significa que, como o governo gastava mais do que recebia, começou a fabricar dinheiro para pagar o que devia. Parece uma solução mágica, não é? Mas, na realidade, é uma armadilha.

Esse “excesso” de dinheiro em circulação acabou provocando um fenômeno por nós bastante conhecido: a **inflação**. Em 1960, a taxa inflacionária anual chegou a mais de 30%.

Você pode achar que é um índice pequeno, comparado às taxas de inflação que nos afetaram tanto na década de 1980. Mas começava ali o nosso grande problema de controlar a inflação e os gastos exagerados do governo. Outra consequência negativa do Plano de Metas foi o crescimento da dívida externa. Você sabe o que é isso? É quanto o Brasil tem de pagar aos países desenvolvidos que nos emprestam dinheiro. No período de 1955 a 1960, nossa dívida externa cresceu em 60%!

Jânio Quadros se aproveitou desses problemas do governo anterior e fez uma campanha eleitoral com muitas críticas ao governo JK. Prometia um governo austero e moralizador. A **vassoura**, símbolo de sua campanha, servia para mostrar sua intenção de fazer uma verdadeira “limpeza” na administração pública: acabaria com a corrupção e com o empreguismo.

Outra imagem que Jânio usava desde os tempos de prefeito em São Paulo – o “tostão contra o milhão” – ilustrava o desejo do presidente de se apresentar como o candidato das camadas mais pobres. Prometia ao povo lutar contra os

privilégios dos poderosos. Com isso, ele conseguiu conquistar votos de muitos eleitores de camadas sociais diferentes – às vezes, até mesmo de camadas opostas. Mas era difícil atender a reivindicações tão diferentes sem que ninguém “pagasse a conta”.

O governo Jânio Quadros

Quando tomou posse, em 31 de janeiro de 1961, Jânio Quadros quis marcar seu governo com uma política de “arrumar a casa”. Prometeu corrigir os desequilíbrios internos e externos antes que o país voltasse a um novo ciclo de desenvolvimento econômico. As prioridades eram o combate à inflação, por meio do controle dos gastos públicos, e o reequilíbrio das contas externas.

A primeira medida importante ocorreu já em março de 1961. O governo fez uma **maxidesvalorização** de 100% do cruzeiro em relação ao dólar, ou seja, reduziu o valor da moeda brasileira em relação ao dólar. A moeda brasileira passou a valer menos 100% do valor do dólar. Passou a valer a metade do que valia antes. Além disso, cortou a ajuda para as importações de trigo e petróleo.

A consequência imediata dessas medidas foi uma alta generalizada do custo de vida. Todos os produtos cuja fabricação dependia de insumos (máquinas, matérias-primas) importados aumentaram de preço. Aí estavam incluídos produtos essenciais derivados do trigo e do petróleo, como pão e gasolina.

Na política, Jânio Quadros tomou outra decisão de grande impacto. Quis romper com a tradição de alinhamento permanente com os Estados Unidos. Agora, o Brasil pretendia conduzir suas relações internacionais em função exclusivamente dos seus próprios interesses, mesmo que estes não se ajustassem – e, em alguns casos, até mesmo se opusessem – aos objetivos de Washington.

Sabe o que aconteceu? O Brasil reatou relações diplomáticas e comerciais com diversos países socialistas, inclusive a União Soviética.



Jânio Quadros com Che Guevara, um dos principais líderes da revolução cubana.

Os jornais da época mostravam em primeira página foto do presidente Jânio com o líder da revolução cubana Che Guevara.

Pesquise as relações do governo Jânio com países do Terceiro Mundo, especialmente com os Estados africanos e com os nossos vizinhos latino-americanos. Essa política ficou conhecida como **política externa independente**. Por sinal, ela teve continuidade mesmo após a saída de Quadros da presidência, já que foi plenamente incorporada por seu sucessor.

O que dizer de um governo que, com menos de oito meses, se interrompe por vontade própria? No dia 25 de agosto de 1961, menos de oito meses após tomar posse, Jânio Quadros encaminhava ao Congresso um documento comunicando a sua renúncia ao cargo de presidente da República.

Mas como um presidente eleito com tanto apoio popular pôde frustrar as esperanças de quase seis milhões de eleitores? Como um governo que se iniciou com o apoio de tantos e variados partidos e grupos pôde, em tão curto espaço de tempo, sentir-se isolado a ponto de tomar uma atitude tão dramática?

Isso ocorreu porque a força política de Jânio acabou se transformando em sua fraqueza. Como poderia um governo atender a tantos grupos, cada qual com interesses tão diferentes? Durante a campanha eleitoral foi possível conciliar os diversos interesses em jogo. Mas, quando o discurso transformou-se em ação, os problemas se complicaram.

Em primeiro lugar, o presidente não contava com o apoio da maioria dos deputados para aprovar suas propostas. Os maiores partidos, o PSD e o PTB, tinham-se transformado em oposição. Ao mesmo tempo, algumas atitudes tomadas por Jânio contribuíram para desgastar ainda mais o governo junto aos parlamentares oposicionistas.

Fiel às promessas de campanha e procurando comprometer a administração Kubitschek, Jânio promoveu uma verdadeira devassa na administração pública. Instalou dezenas de inquéritos administrativos que atingiram justamente aqueles setores da administração que serviam de base política para o PSD e o PTB.

E fez mais: conseguiu, brigar também com a UDN, partido que havia contribuído para a sua eleição e que esperava, enfim, chegar ao poder. O presidente não consultava as lideranças, quer para a distribuição de cargos e vantagens dentro do governo, quer para a definição de políticas. Assim, a UDN viu-se na delicada posição de ter de apoiar um governo do qual, de fato, participava muito pouco.

O que aconteceu foi que algumas lideranças, como Carlos Lacerda, passaram decididamente para a oposição. Por sinal, o relacionamento de Jânio com a UDN e com os partidos políticos em geral é também revelador de uma outra característica de seu governo: o forte **personalismo**. O presidente governava aparentemente acima dos partidos, da burocracia estatal e dos grupos sociais organizados. Jânio acreditava que sua autoridade vinha exclusivamente dele e do poder que lhe fora dado pelo voto popular.

Quando você ouve falar de “governo”, o que lhe vem à cabeça?

Um governo é o Poder Executivo, ou seja, o presidente e os ministros? Ou o governo é o Executivo se relacionando com os outros poderes, o Legislativo e o Judiciário?

Releia a aula e veja de que maneira o presidente Jânio Quadros entendeu essa questão. Como você avalia o comportamento político de Jânio? Seria de um democrata?

E como ficou a relação do Brasil com os outros países? Aqui também os problemas foram aparecendo. Os setores mais conservadores da sociedade brasileira, civis e militares, justamente aqueles que eram a base de sustentação política do governo, começaram a desconfiar da **política externa independente**. Para eles, o presidente estaria conduzindo nossa política externa para rumos “comunizantes”.

Nem mesmo a política econômica de Quadros conseguiu apoio generalizado, pois os salários foram congelados, enquanto a inflação e o custo de vida continuaram subindo.

A renúncia

A esta altura você já deve estar suspeitando de que muita coisa ia mal. Menos de um ano após o início do mandato, o presidente se deparava com um quadro de crescente oposição e isolamento político. Foi o que, afinal, levou Jânio ao gesto da renúncia.

Em carta dirigida ao povo brasileiro, o presidente atribuía as dificuldades enfrentadas por seu governo à ação de forças ocultas. Mas não esclarecia exatamente a que ou a quem estava se referindo.

Pausa

Fui vencido pela reação e, assim, deixo o governo. (...) Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou me infamam, até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse não manteria a confiança e a tranqüilidade, ora quebradas, indispensáveis ao exercício da minha autoridade. (...) A mim não falta a coragem da renúncia.

Esses são trechos da carta do presidente Jânio Quadros à nação no ato de sua renúncia. Visivelmente, ela se inspirou na carta-testamento de Vargas, que você viu na Aula 31. Em que aspectos as duas são comparáveis?

Os estudiosos consideram que os objetivos não declarados de Jânio eram bem mais ambiciosos. Ele contava que seu pedido de renúncia fosse negado pelo Congresso. Assim, ele voltaria “nos braços do povo”, reassumindo a presidência com poderes muito maiores e com o apoio das massas populares e dos militares.

No caso dos militares, Jânio avaliava – e com razão, como veremos adiante – que haveria um veto militar à posse do vice-presidente João Goulart na presidência da República.

Mas o que ocorreu, de fato, foi a pronta aceitação da renúncia pelo Congresso. De acordo com a lei, tomou posse do governo o deputado Ranieri Mazzilli, presidente do Congresso, tendo em vista que João Goulart se encontrava fora do país, chefiando uma missão comercial brasileira na China.

Também a população, perplexa, não esboçou qualquer reação ao gesto do presidente.

Poucos dias depois, os ministros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica divulgaram um manifesto em que vetavam a posse do vice-presidente ausente. Por trás do veto dos militares estavam as desconfianças que estes nutriam em relação à figura de Jango e à sua trajetória política, fortemente associada ao getulismo e ao sindicalismo do PTB.

Você lembra que João Goulart já fora motivo de uma crise com os militares durante o segundo governo Vargas, quando era ministro do Trabalho e quis elevar em 100% o salário mínimo? Desde aquela época se dizia que ele tinha a intenção de transformar o Brasil numa “república sindicalista”, nos moldes do que fizera Perón na Argentina.

Apesar de ser um grande proprietário de terras, e de defender a propriedade privada e um capitalismo “humano” e “patriótico”, Jango era acusado pelos setores mais conservadores de “tendências comunistas”. Para esses segmentos, sua ascensão à presidência da República, apesar de garantida pela Constituição, significaria a “comunização” do Brasil.

Estabeleceu-se então um impasse que, por alguns dias, dividiu o país em duas correntes opostas. De um lado, ficaram os que achavam que se deveria obedecer à Constituição e dar posse governo a Jango. Nesse campo estavam os sindicatos de trabalhadores, as organizações estudantis, algumas entidades empresariais, deputados federais e estaduais nacionalistas e de centro-esquerda e vários governadores de Estado. Do outro lado, estavam os que se colocavam contra a posse de Jango e defendiam a realização de novas eleições presidenciais.

O Congresso se reuniu e aprovou uma solução de conciliação entre as duas correntes. Foi votada a **Emenda Constitucional n.º 4**, que alterou a Constituição de 1946 para instituir no país o **parlamentarismo**. Com isso, foi aceita a posse de João Goulart.

Nesta aula, você viu que, apesar da “euforia desenvolvimentista”, a herança do governo JK também teve seu lado negativo, deixando diversos problemas pendentes para o governo seguinte resolver.

Você viu também que Jânio Quadros, apesar do apoio popular, não conseguiu cumprir as promessas de campanha. E acabou mergulhando o país numa crise política, ao renunciar à presidência. A solução encontrada para sair da crise foi a adoção do parlamentarismo.

Mas você agora deve estar se perguntando: quais foram as mudanças introduzidas pelo parlamentarismo? Por que essas mudanças permitiram superar o veto à posse de João Goulart? Essas são boas questões para você refletir enquanto aguarda a próxima aula.

Últimas
palavras

Exercício 1

Releia o item **O governo Jânio Quadros** e explique o significado da política externa independente.

Exercício 2

Releia o item **A renúncia** e identifique duas razões que contribuíram para a renúncia do presidente.

Exercícios

